

# KROPOTKIN - O POETA DA PROSA E SUA CRÍTICA RADICAL

Wallace dos Santos de Moraes

## 1. INTRODUÇÃO

Discutir as ideias de um autor anarquista e organizá-las compondo uma teoria política está longe de ser algo comum na Academia. Diferentemente do marxismo - que inclusive virou política de estado em vários países<sup>1</sup> e, portanto, teve grupos acadêmicos disseminadores de suas propostas -, o pensamento anarquista praticamente não teve lugar nas universidades, tampouco foi sua proposta.

Não obstante, propomo-nos a resgatar um clássico do pensamento anarquista, identificando sua teoria política e apresentando suas teses, hipóteses, metodologias, no intuito de preencher e reparar essa grande lacuna nas ciências sociais.

Pensamos que não existe momento mais adequado para fazê-lo, pois desde os anos 1990 em grande parte do mundo há um revival do movimento social anarquista. O movimento anti-globalização e reivindicativo de diversos direitos e garantias nos países industrializados cujos exemplos emblemáticos foram Seattle em 1999, Gênova, 2001, Paris, 2005 e 2008, Grécia, 2012-13, e Espanha, 2013, e outros países europeus tiveram forte presença anarquista. A chamada primavera árabe em países como Síria, Turquia, Egito também na passagem de 2012 para 2013. Na América Latina, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), em Chiapas, no México, em 1994, e o movimento dos *piqueteros*, na Argentina em 2001, foram exemplos importantes de tradição libertária ou com fortes componentes dessa. Atualmente, no Brasil, nas manifestações do inverno de 2013, o movimento Black Bloc junto com outras organizações anarquistas têm assumido o protagonismo da luta contra a corrupção endêmica do Estado e contra o capitalismo. Esses e outros exemplos ratificam a necessidade de se perscrutar as teses anarquistas que animam movimentos dos mais diversos no mundo inteiro.

Mas como podemos contribuir para apresentar a teoria política anarquista para o público em geral? Imaginamos que um texto que contextualize a obra e debate com as

---

<sup>11</sup> O marxismo se tornou política de Estado nos países do Leste Europeu sob a influência soviética, na China, Coréia do Norte e outros durante grande parte do século XX. Também desfrutou de forte presença nas universidades em países liberais, como França, Itália, Inglaterra e outros.

outras correntes teóricas pode ser útil para dar noções gerais que estimulem seguidamente a busca pelas teses dos próprios autores. Com efeito, buscaremos apresentar o anarquismo no interior da epistemologia das ciências sociais em comparação com as outras epistememes. Dessa forma, teremos mais dados para melhor avaliar os postulados libertários de Piotr Kropotkin (1842-1921) e do anarquismo em geral.

O objetivo deste *paper* é resgatar as principais teses do pensamento de Kropotkin, identificando os aspectos centrais de sua teoria política baseada na crítica ao capitalismo dominado politicamente pelo Estado e economicamente pelo sistema do salário. Faremos a divisão do texto em subtópicos. Começemos com a apresentação da vida e obra do autor.

## **1.1 VIDA E OBRA**

Piotr Kropotkin é um dos expoentes do que podemos chamar de teoria anarquista clássica. Sua vida foi marcada por intensa militância, prisões, perseguições e por defender algumas ideias que o colocam como publicista revolucionário. Nascido na segunda metade do século XIX, na Rússia, no seio de uma família muito rica e poderosa, era um príncipe hereditário e abdicou de tudo para defender uma teoria, cujas principais bases constituíam-se pela defesa da plena liberdade com igualdade e sem hierarquias entre os homens, em uma palavra: o anarquismo.

Em fins de 1878, Kropotkin lançou o jornal “Le Révolté”, na Suíça, até ser expulso do país, continuou a publicação em Paris com o “La Revolté”, que se tornou o mais influente dos jornais anarquistas desde o desaparecimento do “Le People”, de Proudhon, em 1850 (Woodcock, 2010: 223). Alguns dos artigos desses jornais formaram os capítulos de dois dos seus principais livros: “Palavras de um Revoltado” e “A conquista do pão”. Nesse, Kropotkin desenvolve sua tese do comunismo-anarquista, como veremos à frente. Em 1902, publica, ainda, o livro intitulado: “Ajuda mútua” e, em 1903, “O Estado”<sup>2</sup>. Seus últimos livros, “Ideias e realidades na literatura russa”, “A grande Revolução Francesa e Ética”, editados postumamente, são trabalhos periféricos iluminados por um espírito libertário, mas cujo objetivo principal não era a apresentação da causa anarquista-comunista (Woodcock, 2010: 240).

---

<sup>2</sup> Publicado no Brasil com o título: “O Estado e seu papel histórico” pela editora Imaginário, 2000.

Kropotkin influenciou grandes gerações de revolucionários no início do século XX, como defensor do comunismo-anarquista, principalmente nos países latinos. Através de uma escrita elegante, ao mesmo tempo, didática, objetiva e extremamente radical, propagou a defesa da plena liberdade, da igualdade e do autogoverno. Era um revolucionário poeta da prosa.

Entendida um pouco a vida e as principais obras do autor, passemos para sua concepção de anarquismo.

## 2. O CONCEITO DE ANARQUISMO

Nada melhor do que começar a discutir a teoria política de Piotr Kropotkin com um aperitivo bastante insinuante. Um texto de sua autoria, apresentando uma justificativa para a palavra anarquia. O texto denomina-se “A Ordem” e foi publicado no livro “Palavras de um revoltado” [1882] (2005), descrevendo o seu entendimento de ordem e de anarquismo. Ele começa justificando a atribuição de anarquistas aos revolucionários socialistas, respondendo a um amigo que teria dito que concordava com as posições dos anarquistas, todavia achava que o nome teria sido mal escolhido por expressar desordem. Vejamos sua resposta:

“(...) o nome não foi mal escolhido, visto que encerra uma ideia: exprime a negação de todo o conjunto dos fatos da civilização atual, com base na opressão de uma classe por outra; na negação do regime econômico atual, a negação do governamentalismo e do poder, da política burguesa, da ciência rotineira, do moralismo burguês (...) resumindo a negação de tudo o que a civilização burguesa cerca hoje de veneração.”

“A palavra an-arquia, de origem grega, significava ausência de poder, e não “desordem”. (...) “A palavra portanto voltou ao seu significado primitivo, ordinário, comum, expressado em 1816, por um filósofo inglês, Bentham, nos seguintes termos: ‘o filósofo que deseja reformar uma lei ruim – dizia – não prega a insurreição contra ela... O caráter do anarquista é bem diferente. Ele nega a existência da lei, rejeita sua validade, excita os homens a ignorá-la como lei e a posicionarem-se contra sua execução’. O sentido da palavra tornou-se, hoje, mais amplo: o anarquista nega não apenas as leis existentes, mas também todo o poder estabelecido, toda autoridade;

entretanto, sua essência permaneceu: ele se revolta contra o poder, a autoridade, qualquer que seja a forma”.

Vejamos ainda o que Kropotkin versa sobre esta ordem que a anarquia quer destruir:

(...) a ordem é a miséria, a fome, tornadas estado normal da sociedade (...) A ordem é a mulher que se vende para alimentar seus filhos (...) é o operário reduzido ao estado de máquina. (...) A ordem é uma minoria ínfima, educada nas cátedras governamentais, que se impõe por esta razão à maioria, e que prepara seus filhos mais tarde para ocupar as mesmas funções, a fim de manter os mesmo privilégios, pela astúcia, pela corrupção, pela força, pelo massacre”.

(...) “A ordem, enfim, é o banho de sangue da Comuna de Paris. É a morte de trinta mil homens, mulheres e crianças, despedaçados pelos obuses, metralhadoras, enterradas na cal viva sob as ruas de Paris” (p.88)

“E a desordem – o que eles chamam de desordem? É a insurreição do povo contra esta ordem ignóbil, quebrando seus grilhões, destruindo os obstáculos e caminhando para um futuro melhor. É a revolta do pensamento às vésperas das revoluções; é a derrubada das hipóteses sancionadas pela imobilidade dos séculos anteriores; é a eclosão de todo um fluxo de novas ideias, de invenções audaciosas, é a solução dos problemas da ciência. A desordem é a abolição da escravidão antiga, é a insurreição das comunas, a abolição da servidão feudal, as tentativas da abolição da servidão econômica”.

“A desordem é a insurreição dos camponeses insurgidos contra os sacerdotes e os senhores, incendiando os castelos para dar lugar às choupanas, saindo de seus esconderijos para ocupar seu lugar ao sol. (...) A desordem, – o que eles denominam de desordem – são as épocas durante as quais gerações inteiras mantêm uma luta incessante e se sacrificam para preparar uma existência melhor para a humanidade, livrando-a das servidões do passado. São épocas durante as quais o gênio popular toma seu livre impulso e dá, em alguns anos, passos gigantescos, sem os quais o homem teria permanecido no estado de escravidão antiga, de ser rastejante, aviltado na miséria.”

“A desordem é a eclosão das mais belas paixões e das maiores dedicações, é a epopéia do supremo amor pela humanidade”.

“A palavra anarquia, implicando a negação desta ordem e invocando a lembrança dos mais belos momentos da vida dos povos, não foi bem escolhida para um partido que caminha para a conquista de um futuro melhor?”

Com esse trecho já temos muitos elementos para discutir e apreender as perspectivas de Kropotkin. A ordem hoje e ontem é a criminalização da luta, da ação direta em todo lugar, as hierarquias e a exploração apresentadas como naturais; a desordem e o anarquismo significam o extremo oposto: o incentivo de toda a luta, toda ação direta contra esta ordem ignóbil.

O pensamento de Kropotkin pode ser sintetizado na defesa dos seguintes aspectos: comunismo anarquista; propriedade comum; gestão direta dos trabalhadores; ajuda mútua, acordo e solidariedade; coletivismo – associação voluntária dos indivíduos; distribuição dos produtos da sociedade de acordo com as necessidades; direito ao bem-estar para todos; internacionalismo. Esse pensamento também pode ser lido por aquilo que ele se contrapõe: anticapitalismo; contra a propriedade privada, a divisão social do trabalho e o regime de salariado; contra o Estado, as hierarquias e a democracia burguesa; contra o individualismo, o nacionalismo e toda forma de preconceito com o outro. Nos termos do autor: “contra a ordem”.

### **3. AJUDA MÚTUA**

Sem embargo, como pontapé inicial para entendermos o pensamento político Kropotkiano, devemos começar com dois pontos centrais que sustentam a defesa das suas teses. Assim, ele resgata a Antropologia para embasar que a ajuda mútua consiste na regra das espécies mais bem-sucedidas. Sua tese sustenta que em qualquer circunstância, a sociabilidade é a principal arma pela vida. Ao mesmo tempo, sugere ele, a sobrevivência do homem também está relacionada com a ajuda mútua. O homem sempre procurou viver em clãs ou tribos. Utilizando argumentos fortes, o autor afirma: “a antropologia tem demonstrado até à saciedade que o início da humanidade não foi a família, mas sim, o clã, a tribo.” Assim, continua, “toda a tribo caçava ou procedia em comum à contribuição voluntária; e, uma vez, saciada a fome, entregava-se apaixonadamente às suas danças exageradas.” Nessas condições, a acumulação da propriedade privada era impossível, visto que tudo que tivesse pertencido a qualquer membro da comunidade era destruído no mesmo local onde fosse enterrado o cadáver.

Kropotkin relata ainda o código moral existente nos clãs, segundo os quais não se podia derramar sangue de alguém sem que fosse também derramado do agressor. Ele destaca ainda as características da vida na Idade Média. Diferente de Marx -, que via essa época como algo muito atrasado, que deveria ser superado, no interior da concepção de progresso inelutável, a qual estaríamos subordinados -, Kropotkin descreve as vantagens desse período histórico. Essas constatações servem para apoiar suas conclusões. O anarquismo, na sua visão, tem sua origem no povo. Segundo ele, a escola alemã e a francesa insistem em confundir o Estado com a sociedade, sem conceber esta sem a centralização daquela. Este raciocínio é equivocado, pois ignora que o Estado é de origem recente, do século XVI. “É esquecer que os períodos gloriosos da humanidade foram aqueles em que as liberdades não tinham sido ainda esmagadas pelo Estado, naqueles períodos em que as massas humanas viviam em comunas e em federações livres.”

Com essas argumentações, Kropotkin legitima a defesa da ajuda mútua como parte da estratégia da melhor sobrevivência da humanidade. Ao fazer isso, ele nega e desqualifica a perspectiva liberal baseada na concorrência, no individualismo, no utilitarismo, em última instância no princípio hobbesiano de guerra de todos contra todos no estado de natureza. Ao mesmo tempo, combate o darwinismo social, baseado na perspectiva de que os mais fortes sempre vencem, imbuídos da primazia da competição.

A partir dessas teses, ele pode justificar a ideia da prevalência da solidariedade, do amor a si e ao próximo, do trabalho em comum, do coletivo, em um conceito: o comunismo-anarquista.

#### **4. A CONQUISTA DO PÃO E O COMUNISMO-ANARQUISTA**

Entendido como se sustenta a defesa da ajuda mútua como um instrumento fundamental para a boa vida na sociedade, amparado na história da humanidade, agora já temos melhores condições de entender a defesa do bem-estar para todos tão propalada pelo autor. É por aqui que seguiremos a análise do pensamento político kropotkiano. O melhor desenvolvimento dessa tese aparece no livro a “Conquista do pão” [1888] (1975).

Nesta pesquisa escrita de maneira magistral parecendo um poema radical, Kropotkin elucida que toda riqueza produzida nas sociedades, cada descoberta, cada progresso, cada aumento do patrimônio humano em seu conjunto constituem-se como resultado do acúmulo do trabalho intelectual e físico feito no passado e no presente.

Até aqui ele parte do pressuposto de Proudhon, segundo o qual a herança da humanidade é coletiva. Mas ressalta: é impossível mensurar a contribuição de cada um no processo. A partir dessa premissa simples, ele defende uma tese absolutamente idiossincrática, a saber: tudo que é produzido na sociedade deve pertencer a todos, sem distinção, basta contribuir com a cota de trabalho para se ter direito a receber parte da produção e isto deve acontecer de acordo com a necessidade do indivíduo, não com fórmulas que julgam mensurar a contribuição de cada um.

Diz Kropotkin (1953:14): “basta dessas formulas ambíguas, tais como: ‘direito ao trabalho’ ou ‘a cada um o direito integral de seu trabalho’. O que nós proclamamos é o: direito ao bem-estar – o bem-estar para todos”.

Mas como Kropotkin nos convence dessa tese? Com suas palavras.

“Nas sociedades civilizadas somos ricos. Como se explica tanta miséria ao nosso redor? (...) Gerações inteiras, nascidas e mortas na miséria, legaram esta imensa herança ao séc. XIX. Em milhares de anos, milhões de homens trabalharam em desbastar os matos, dissecar os pântanos, abrir estradas, a margear os rios. Cada hectare do solo que se cultiva na Europa foi regado pelo suor de diversas raças; cada estrada tem uma história das fadigas do trabalho humano, dos sofrimentos do povo. (...) Todas as máquinas têm a mesma história de noites em claro e de miséria, de decepções e de alegrias; melhoramentos parciais achados por diversas legiões de obreiros desconhecidos que vinham acrescentar ao inverno primitivo esses pequenos nada, sem os quais a ideia mais fecunda fica estéril. (...) se os filhos dos que morreram aos milhares, abrindo as vias e os túneis dos caminhos de ferro, se apresentassem esfarrapados e famintos a reclamar pão aos acionistas, encontrariam as baionetas e a metralha para os dispersar e por a salvo os direitos adquiridos. (...) Nestas condições, com que direito poderá alguém apropriar-se da mais insignificante parcela deste todo imenso e dizer: Isto é meu, não vos pertence.” (Kropotkin, 1975:26)

A partir desses postulados, façamos um exercício de atualização das reflexões de Kropotkin, com apoio em algumas inferências simples.

Primeiro, é importante resgatar um princípio muito antigo. Devemos lembrar que uma pessoa, a mais inteligente possível, vivendo sozinha em uma ilha mesmo com toda a estrutura como, comida, segurança etc, não saberia falar uma única palavra. Simplesmente porque o conhecimento que a humanidade produz, inclusive da língua, é resultado da interação com as outras pessoas, da interação coletiva na sociedade. Ela aprende a falar ouvindo outros falarem. Esse simples ensinamento popular que em alguns lugares é divulgado ratifica um princípio de que nosso conhecimento é fruto da vida em sociedade, da interação com outros. Dito isso, podemos ampliar nosso exercício de reflexão.

Imaginemos que algum cientista tenha encontrado a descoberta da cura do câncer. Isso seria maravilhoso para todos. Nesse sentido, Kropotkin defende veementemente o avanço científico e tecnológico como fundamental para o bem da humanidade. Não obstante, critica com igual fervor a apropriação individual privada dessa descoberta, desse avanço científico com fins de obtenção de lucro à custa do trabalho da sociedade. Continuemos com a atualização do seu pensamento. Para que chegasse a esse extraordinário feito (a descoberta da cura do câncer), ele se valeu de todo o conhecimento acumulado do passado e do presente. Do passado, foi necessário que diversas descobertas tivessem sido feitas, como, por exemplo, a lâmpada, a eletricidade, a internet, o ar condicionado ou aquecedor, outras pesquisas na saúde etc. A lista é imensa. Tudo isso foi necessário para que sua pesquisa não partisse do zero e tivesse condições objetivas de trabalho que lhe proporcionassem conforto e meios para realizá-la. Do presente, enquanto ele ficava estudando para chegar ao resultado da pesquisa, outras pessoas aravam a terra, plantavam, colhiam e faziam chegar o alimento a sua casa. Muito provavelmente, ele não precisava dispor de tempo para fazer sua comida, pois alguns outros empregados se encarregavam dessa tarefa. Como consequência dessas condições foi possível que um determinado indivíduo, ou um conjunto deles, chegassem à descoberta tão necessária para toda a sociedade. Esse grupo tem mérito, é claro, mas sem o trabalho de um sem número de pessoas acumulado do passado e do presente, não seria possível que se chegasse a esse avanço científico.

Os principais aprendizados da reflexão supracitada é que: 1) todos dependemos uns dos outros para melhor viver; 2) tudo que é produzido na sociedade não pode ser apropriado como propriedade privada por ninguém. Essas são as principais regras da sociedade. Nenhuma pessoa pode dizer que é autossuficiente. Todos dependem da ajuda de outros para sobreviver desde o nascimento. Um ensinamento óbvio que muitos arrogantes teimam em não querer enxergar e que o pensamento liberal busca combater com toda força. Além disso, todo o conhecimento da humanidade é produzido de forma coletiva.

A partir desses comentários, chegamos a uma simples conclusão: se concordamos com o fato de que tudo que é produzido na sociedade é resultado do acúmulo do conhecimento do passado e do presente, incluindo um número infinito de pessoas responsáveis, sendo impossível mensurar a contribuição de cada um no processo, logo é inviável e injusto a apropriação individual de qualquer descoberta científica, tecnológica etc. A descoberta da cura do câncer sob a ótica kropotkiana deveria ser considerada como resultado do trabalho coletivo da sociedade e não ser apropriada como propriedade privada de uma única pessoa ou grupo de pessoas. Sendo assim, buscar lucro sobre essa e qualquer outra descoberta constitui em uma apropriação indébita do esforço conjunto de diferentes trabalhadores anônimos. Um absurdo sem tamanho.

Por consequência, já temos dados importantes para podemos entender como se justifica a defesa de várias teses do pensamento kropotkiano.

1) se tudo que é produzido na sociedade é resultado do trabalho de um infinito número de pessoas, a propriedade privada, individual, não tem como se justificar. Daí a sua defesa da propriedade coletiva.

2) como derivação dessa premissa, tudo que é produzido deve ser apropriado por todos os trabalhadores sem distinção. O regime assalariado tanto quanto o seu corolário, a divisão social do trabalho, não se justificam, pois é impossível mensurar a contribuição do trabalho de cada um para receber sua parte na divisão do produto. Todo trabalho assalariado significa exploração do tempo de produção alheio.

3) logo, tudo que é produzido na sociedade deve ser distribuído para todos através de uma única política: o direito ao bem-estar para todos.

Mas como? Teremos produção suficiente para todos? Pergunta com razão o leitor. Kropotkin usa vários argumentos para legitimar suas teses. Vejamos.

“Hoje, o homem ao nascer encontra um capital imenso, acumulado pelos seus antepassados. (...) Falta o sol? O homem cria o calor artificial. (...) Cem homens com boas máquinas produzem em poucos meses o alimento necessário para dez mil pessoas.” (Kropotkin, 1953:06)

Assim, diferente de outros autores que inclusive reivindicam o anarquismo, Kropotkin defende que o avanço científico e tecnológico deve estar a serviço de todos, não de alguns, ou como mercadoria, como vemos hoje sob o regime capitalista. Ele não vê um mal em si no industrialismo, mas a forma como o seu produto é apropriado. Por isso o avanço científico e tecnológico é muito bem-vindo e deve inclusive ser almejado, mas sempre deve estar a serviço de todos, simplesmente por ser produto do trabalho social.

Nesse sentido, advogam os anarquistas: se todos trabalharem na produção de alimentos e utensílios de reais necessidades da população, aumentaremos substantivamente a produção social. Se o que estiver definido for o bem-estar como objetivo e não os lucros, como é hoje, não precisaremos parar a produção para manter o preço do produto alto. Ou não precisaremos destruir muitas coisas para manter ou elevar o preço de determinados produtos. Além do mais, com a destruição do Estado e o fim de todos os seus funcionários, esse enorme contingente de militares e burocratas que nada produzem passarão a trabalhar de maneira produtiva na sociedade, teremos um aumento muito significativo da produção. Com efeito, de imediato podemos garantir o fim da fome e da miséria no mundo. Depois vamos atender as necessidades das pessoas. Tudo isso com uma jornada de trabalho bastante baixa para garantir tempo de lazer às pessoas. Chegaremos ao bem-estar para todos.

Atualmente, continua o autor, “tudo o que foi produzido pela humanidade foi usurpado por alguns. (...) Em virtude dessa organização monstruosa, quando o filho do trabalhador, ao entrar na vida, não encontra nem um campo que possa cultivar, nem uma máquina que possa manejar, nem uma mina que possa explorar, sem ceder a um senhor uma boa parte do que produzir” (Kropotkin, 1975: 27).

Esse aspecto, que podemos chamar de coação capitalista, associado com a divisão social do trabalho, que é amplamente combatida por Kropotkin, sustenta o regime capitalista. Cabe destacar que no modelo socialista de estado isso não foi alterado. O principal proprietário deixou de ser o indivíduo privado para ser o Estado, todo poderoso. A divisão social do trabalho tão ruim para o trabalhador permaneceu intacta.

Em função dessa análise, Kropotkin defende: “é tempo do trabalhador proclamar o seu direito à herança comum e dela tomar posse definitivamente. (...) ‘Tudo é de todos!’ E desde que o homem e a mulher contribuam para a comunidade com a sua quota parte de trabalho, adquirem o direito à quota parte de tudo o que se produzir sobre a terra. E esta participação do todo dar-lhes-á o bem-estar” (Kropotkin, 1975: 31).

O grande objetivo do autor é convencer sobre a vida melhor para todos no anarquismo. Para tanto, argumentava que se o homem: 1) agisse de maneira racional, apropriando-se das descobertas científicas do passado e criando outras em benefício da humanidade; 2) cumprisse suas atividades no trabalho socialmente útil, eliminando todas as atividades não produtivas; 3) distribuísse a produção de acordo com a necessidade de cada um; 4) chegaríamos ao bem-estar para todos!

Destarte, ele justifica a expropriação. Para atingir ao bem-estar para todos é necessário atacar o sustentáculo central do capitalismo: a propriedade privada. Argumenta o autor: “Para que o bem-estar seja uma realidade é necessário que esse imenso capital: cidades, casas, campos, oficinas, vias de comunicação, etc deixe de ser considerado propriedade privada de que o usurpador dispõe a seu bel-prazer. É preciso que tudo isso, construído, aperfeiçoado pelos nossos antepassados obtido com tanto trabalho, se torne propriedade comum, a fim de que o espírito coletivo tire dela o máximo proveito para todos. É preciso a expropriação.”

Relativamente junto com Marx, Kropotkin defende que a fonte de toda a riqueza é a existência de miseráveis.

“Temos afirmado mais de uma vez que a miséria foi a origem primária das riquezas. Foi ela que criou o primeiro capitalista, porque antes de acumular os lucros de que tanto gostam de conservar, ainda era preciso que houvesse miseráveis que consentissem em vender a sua força de

trabalho para não morrerem de fome. É a miséria que faz os ricos. E se os seus progressos foram rápidos no curso da Idade Média, é porque as invasões e as guerras que seguiram a criação dos Estados e o enriquecimento pela exploração no Oriente quebraram os laços que outrora uniam as comunidades agrárias e urbanas e as levaram a proclamar, em lugar da solidariedade que praticavam antes, esse princípio de salariado, tão caro aos exploradores” (Kropotkin, 1953: 162).

Aqui há um aspecto muito singular do pensamento anarquista e particularmente de Kropotkin, que se coloca veementemente contra a divisão social do trabalho. Ele cita Adam Smith, seu principal proponente, descrevendo o seu apelo pela especialização: “dividamos o trabalho, especializemos sempre, tenhamos ferreiros que só saibam fazer cabeças ou bicos de pregos, e desta maneira produziremos mais e enriqueceremos”.

Kropotkin responde:

“Quanto a saber se o ferreiro que tiver sido condenado a fazer cabeças de prego toda a vida não perderá o interesse pelo trabalho; se com esta tarefa limitada não ficará completamente à mercê do patrão, e se o seu salário não baixará quando puder ser substituído por um aprendiz, nisso não pensava Smith quando exclamava: ‘viva a divisão do trabalho!’” (Kropotkin, 1975: 226-227).

Aqui estão contrapostas duas posições antagônicas: a do liberalismo representada por Adam Smith e a de Piotr Kropotkin, simbolizando o anarquismo-comunista. Aquela está preocupada com a produção e com a sua velocidade, independente do resultado dela para a vida e o bem-estar do trabalhador. Daí a defesa incondicional da especialização. O foco está na produção e, conseqüentemente, no lucro que se deve almejar com ela. Já a interpretação anarquista joga luz sobre o resultado dessa especialização para os vendedores de força de trabalho. Com efeito, sem negar algumas poucas vantagens que a divisão social do trabalho possa trazer, os prejuízos são imensamente maiores, pois não é possível que um homem seja feliz fazendo cabeça de prego a vida toda. Ele não gostará de trabalhar com toda a razão, além disso, a tendência é que ele se embruteça como consequência da divisão do trabalho. De acordo com o pensamento do autor, “o capitalismo divide os homens em duas classes: dum lado, os

produtores que consomem muito pouco e são dispensados de pensar porque precisam trabalhar, - e trabalham mal porque o seu cérebro permanece inativo; de outro, estão os que consomem, produzindo pouco ou quase nada, com o privilégio de pensar pelos outros, - e pensam mal porque desconhecem um mundo enorme, o dos trabalhadores braçais.” (Kropotkin, 1975: 228).

A partir do princípio de Kropotkin, procuraremos atualizar seu pensamento para o trabalho de nossos dias, depois de anos de especialização, proposto pelos liberais e com a conivência dos socialistas governamentais. Assim, em função da divisão do trabalho, o trabalhador fica rotulado toda a vida como empacotador ou caixa de supermercado, como motorista de ônibus ou de taxi, como faxineiro, ou mesmo vendedor de uma loja. Essas são profissões que encontramos cotidianamente. Em nenhum desses casos se produz, nem se cria. Essas pessoas formam um contingente enorme e são plenamente descartáveis no capitalismo. Existe ainda outro setor bastante grande que como atador de nós em uma oficina ou martelador de pregos não possuem ideia nenhuma do conjunto da máquina, nem da indústria. Em comum todos tendem a perder o gosto pelo trabalho, mas sobretudo as capacidades de invenção e criação tão necessárias para uma sociedade igualitária.<sup>3</sup> A especialização gera um enorme lucro para o capitalista, mas não beneficia o trabalhador, ao contrário o embrutece.

## 5. O SISTEMA DE SALARIADO

O sistema de salariado é outro alvo de críticas contundentes de Kropotkin, por entendê-lo como princípio sustentador do capitalismo, que aliás continuou a predominar nas experiências socialistas autoritárias. Sua reflexão é bastante peculiar e importante. Vejamos.

“Eis o sistema do salariado. Para salvá-lo os atuais detentores do capital estariam dispostos a fazer certas concessões como, por exemplo, dividir uma parte dos lucros com os trabalhadores ou estabelecer uma tabela de salários que obrigasse a elevá-los quando o lucro subisse; em suma, conformar-se-iam com um certo número de sacrifícios contanto que lhes deixassem o direito de gerir a indústria e arrecadar os dividendos” (Kropotkin, 1975: 80).

---

<sup>3</sup> De acordo com Kropotkin, no início da indústria moderna, se criou uma ferramentaria de que tanto nos orgulhamos hoje.

Nesse momento, o autor estava prevendo aquilo que aconteceria somente décadas depois de seus escritos, trata-se da criação de direitos sociais e até um pouco de participação nos lucros existente em algumas empresas pelo mundo. Direitos sociais sem emancipação social e, portanto, com a exploração dos proprietários garantida sobre os demais.

Assim, na visão do autor, a principal característica do capitalismo constitui-se no sistema de salariado. Situação que legaliza e legitima o regime, garantindo a exploração capitalista. Dito isso, podemos ver, como Kropotkin, o ponto central do regime que deve ser prioritariamente combatido. É mister lembrar que o socialismo de Estado não só não fazia crítica ao trabalho assalariado, como o manteve depois de suas revoluções.

Sobre a postura dos socialistas autoritários, o visionário Kropotkin previa aquilo que se concretizou anos depois: “como se sabe, (os socialistas autoritários) propõem modificações importantes no regime capitalista, mas não tocam no salariado. A diferença está apenas em ser o patrão substituído pelo Estado, isto é, pelo governo representativo nacional” (Kropotkin, 1975: 80). Atualmente, um autor marxista, István Mészáros (2002), incorporou a crítica kropotkiana e também apresenta como condição fundamental para acabar com o capital a necessidade do fim do sistema de salariado.

A partir dessa contrariedade com relação à divisão do trabalho, que só favorece ao patrão, e conseqüentemente da crítica ao fordismo industrialista, Kropotkin faz uma defesa dos postulados da Idade Média. Cabe uma importante ressalva, diferente de alguns outros anarquistas, como Simone Weil, por exemplo, o autor não é contra o industrialismo em si e por si, mas critica sua forma de organização que embrutece o trabalhador e está totalmente a serviço dos interesses de lucro capitalista. Assim, aparecem algumas teses desenvolvidas principalmente no texto o “Estado e seu papel histórico” (2000), a saber: a liberdade do povo é o principal combustível para a livre criação e portanto para o progresso, proporcionando um avanço científico e tecnológico muito maior.

## 6. O PRIMITIVISMO COMO EXEMPLO DE LIBERDADE

Kropotkin utiliza exemplos da Idade Média para defender sua tese. Segundo ele, quando o povo não esteve subjugado, criou muito mais e evidentemente viveu melhor.

Aqui aparece um importante contraponto com o liberalismo e até com o marxismo que entendem que a Idade Média fora tempos das trevas. É claro que liberalismo e o marxismo estão embebidos da perspectiva de progresso, sendo para estes um momento histórico que cumpriu seu papel, mas que para o bem da humanidade deveria ser superado pelo capitalismo. Este significa para o liberalismo o ápice da humanidade e para o marxismo apenas um estágio superior com relação ao feudalismo medieval e inferior com relação ao socialismo governamentalista do futuro.

Como a perspectiva kropotkiana não é apenas defensora do progresso por ele mesmo, mas sobretudo da garantia da liberdade e da igualdade para a humanidade, ele não vê grandes vantagens no capitalismo com relação ao regime da Idade Média, como liberais e marxistas. Esta afirmação é polêmica, sobretudo, para a educação pelo viés liberal e/ou marxista que recebemos.

## 7. DEFESA INCONDICIONAL DA LIBERDADE

Segundo Kropotkin, existem dois princípios em disputa ao longo da história da humanidade: o da liberdade e o da coerção. O da liberdade é amplamente defendido pelos anarquistas, únicos que podem fazer isso sem entrar em contradição com seus princípios. Vejamos uma passagem abaixo que exemplifica muito bem a questão. Crítica peculiar do anarquismo.

“Só nós ousamos afirmar que punição, polícia, juiz, fome e salário nunca foram, e jamais serão, um elemento de progresso; e se há progresso sob um regime que reconhece esses instrumentos de coerção, esse progresso é conquistado contra esses instrumentos, e não por eles.” (Kropotkin: 2007:36)

Na passagem acima estão algumas críticas clássicas do pensamento anarquista às outras ideologias, que não apenas veem o capitalismo como progresso, como também todos os elementos autoritários sustentadores de hierarquias e desigualdades. Tanto o pensamento liberal, quanto o social-democrata e o marxista não criticam a existência de punição, polícia, e juiz, presentes nas democracias e nos socialismos autoritários, por vezes chamados de socialismo real. Essas escolas estão imbuídas da perspectiva da Estadolatria, ou idolatria do Estado, enquanto instituição necessária para a sociedade.

Kropotkin ainda trata de um tema muito caro para o pensamento anarquista: a educação. Suas palavras soam muito atuais e embora não elabore uma discussão muito

aprofundada, toca no seu aspecto central e ligado à política. “A instrução que recebemos desde o ensino das tradições romanas e do código de Bisâncio que se estuda sob o nome de direito romano, até às diversas ciências professadas nas universidades, habitua-nos a crer nos governos e nas virtudes do Estado providência. (...) Conhecemos as menores particularidades de um rei ou de um Parlamento; tem-se arquivado todos os discursos bons e maus pronunciados nas assembleias que não causaram absolutamente influência alguma sobre o voto de um só membro. (...) As visitas dos reis, o bom ou mau humor dos políticos, as intrigas, tudo isso é cuidadosamente guardado para a posteridade. (...) Para manter este preconceito inventaram-se sistemas filosóficos que se ensinam nas escolas, e votaram-se leis que se impõem aos povos. (...) E todo político, qualquer que seja a sua feição, vem sempre dizer ao povo: ‘Dai-me o poder, eu quero e posso libertar-vos das misérias que vos oprimem’” (Kropotkin, 1975: 53).

O papel da educação de um modo geral é fazer-nos crer no Estado, na democracia representativa, no nacionalismo e no sistema capitalista como um todo. Por isso se ensina o hino nacional nas escolas e a participar feliz de tempos em tempo votando nas eleições.

Em outro aspecto, mas no mesmo diapasão, podemos discutir o papel da grande mídia pelo viés de Kropotkin. Ela exerce o papel de informar a partir de seus interesses econômicos e políticos. Isso todos sabem, nada mais é que resultado da parcialidade de todos os atores políticos na sociedade. Destarte, reafirmamos a impossibilidade de existência da neutralidade axiológica defendida por Weber. Entretanto, para além disso, Kropotkin traz uma crítica pouco realizada sobre a grande imprensa, compondo um processo pedagógico que nos direciona pensar pela perspectiva da institucionalidade.

“A mesma lição [da educação] repete-a a imprensa em todos os tons. Consagram-se colunas inteiras aos debates parlamentares e às intrigas dos políticos, e não é sem dificuldade que a vida quotidiana e imensa dum nação ali se nos depara reduzida em algumas linhas, tratando dum assunto econômico a propósito dum lei, ou nas ocorrências, por intermédio da polícia. Da leitura desses jornais, não se reflete no incalculável número de seres – toda a humanidade por assim dizer – que crescem e morrem, que sofrem, que trabalham e consomem, para além do limitado círculo duns tantos indivíduos de quem glorificamos a tal ponto que as suas sombras, engrandecidas pela nossa ignorância, lhe ocultam a humanidade.(...) Observem um jornal. As suas

páginas ocupam-se exclusivamente dos atos dos governos e das intrigas políticas. Um chinês que o lesse haverá de supor que na Europa coisa alguma se faz sem que um mandarim o determine. Veem ele o que quer que seja sobre as instituições que nascem, crescem e se desenvolvem sem prescrições ministeriais? Nada ou quase nada! Se ainda há uma rubrica de casos de rua é porque se relacionam com a polícia. Um drama de família ou um ato de revolta só serão mencionados se neles entrar a polícia.” (Kropotkin, 1975: 54 e 158).

É deveras impressionante como podemos constatar que as reportagens sobre política ainda hoje estão embebidas por essa perspectiva.

## 8. CONCLUSÃO

Em resumo, sua teoria política baseia-se nos seguintes postulados. Crítica radical e irreduzível ao capitalismo e ao Estado, sem qualquer concessão, diferente do marxismo que admite tanto a existência do Estado sob o comando dos representantes dos trabalhadores, quanto o próprio regime assalariado, portanto a divisão social do trabalho. Além dessas críticas, o pensamento do geógrafo russo, combate veementemente toda forma de autoridade e hierarquia na sociedade. Por esses aspectos, o autor apenas ratifica seu pensamento como anarquista. Sua grande diferença para Bakunin e Proudhon, por exemplo, é a forma de distribuição da produção social. Ele defende o direito ao bem-estar para todos através da distribuição de tudo aquilo que as pessoas necessitam e não por aquilo que elas produzem, sendo o critério de distribuição pós-revolução a necessidade e não o retorno do trabalho empregado. Por isso ele é contra o sistema de salário - entendido por ele como coerção -, em qualquer de suas formas, mesmo quando administrados por banco do povo, ou associações de trabalhadores. Essa é a principal questão que singulariza o seu pensamento no seio do anarquismo. Enfim, toda a teoria política de Kropotkin advoga um sistema de distribuição livre da produção, por ser impossível medir a contribuição isolada de um indivíduo na produção social, sendo, portanto, o povo dotado de um espírito criativo e organizador. Porque ele é capaz de trazer à nova ordem, na ausência de todas as formas de autoridade, um novo mundo.

- Bibliografia:
- BAKUNIN, M. (2006) Textos anarquistas; seleção e notas de

Daniel Guérin. Porto Alegre: L&PM.

- \_\_\_\_\_ (2009) A ciência e a questão vital da revolução. São Paulo: Imaginário.
- \_\_\_\_\_ (2003). Estatismo e anarquia. São Paulo: Imaginário.
- \_\_\_\_\_(2008) O princípio do Estado e outros ensaios. São Paulo: Hedra.
- BERTHIER, René (2010). Poder, classe operária e “ditadura do proletariado”. São Paulo: Imaginário.
- \_\_\_\_\_ & VILAIN, Éric (2011). Marxismo e anarquismo. São Paulo: Imaginário.
- CASTORIADIS, C (1982) A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_(2004). Figuras do pensável. Rio de Janeiro: civilização brasileira.
- \_\_\_\_\_ (1990) As Encruzilhadas do labirinto III – o mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (2000). Sobre o conteúdo do socialismo. Rio de Janeiro: Achiamé.
- CHOMSKY, Noam. (2003). Understanding power. London: Vintage.
- \_\_\_\_\_ (2004). Notas sobre o anarquismo. São Paulo: Imaginário.
- COATES, David (org.). (2006), *Varieties of Capitalism, Varieties of Approaches*. New York: Palgrave Macmillan.
- FONTANA, Josep (2004). A História dos Homens. São Paulo: EDUSC.
- HOBBSBAWM, Eric (1998). *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- KROPOTKIN, P. (2007). “Os princípios anarquistas e outros ensaios. São Paulo: Hedra.
- \_\_\_\_\_(2005). Palavras de um revoltado. São Paulo: Imaginário.
- \_\_\_\_\_(1953), *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões.

- \_\_\_\_\_(1975), *A Conquista do Pão*. Lisboa: Guimarães editores.
- \_\_\_\_\_(2000). *O Estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário.
- MALATESTA, Errico (2001). *A anarquia*. São Paulo: Imaginário.
- \_\_\_\_\_ (2008). *Escritos revolucionários*. São Paulo: Hedra.
- MARX, Karl. (1871), “Introdução à Crítica da Economia Política”. In MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1974 (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_ (1997) *O Manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- MAKHNO, Nestor & SKIRDA, A & BERKMAN, A (2001). *Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia*. São Paulo: Imaginário.
- MÉSZÁROS, István. (2002). *Para Além do Capital*. São Paulo: Boitempo.
- MORAES, Wallace S. (2008a), “Estado mínimo contra a fase histórica camaleônica do estado capitalista: um estudo da teoria neoliberal de Robert Nozick”. In PIRES FERREIRA, S. Lier; GUANABARA, Ricardo e JORGE, Vladimyr Lombardo (orgs.). *Curso de Ciência Política – grandes autores do pensamento político e contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus.
- NETTLAU, Max (2008). *História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra.
- OITICICA, José (2006). *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- PROUDHON, Pierre-Joseph (2007). *Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da Miséria*. São Paulo: Escala.
- \_\_\_\_\_(2001). *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas – seleção e notas de Daniel Guérin*. Porto Alegre: L&PM.
- RECLUS, Elisée (2002). *A Evolução, a revolução e o Ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário.
- ROCKER, Rudolf (2007). *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra.

